



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ÉRICA MAROLDI

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DE 4 MESES A 2 ANOS DE
IDADE**

Londrina
2011

ÉRICA MAROLDI

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DE 4 MESES A 2 ANOS DE
IDADE**

Monografia apresentada ao curso de Pós-graduação em Educação Física na Educação Básica da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação Física na Educação Básica.

Orientador: Prof^a Ms. Gisele Franco de Lima Santos.

Londrina
2011

ÉRICA MAROLDI

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DE 4 MESES A 2 ANOS DE
IDADE**

Monografia apresentada ao curso de Pós-graduação em Educação Física na Educação Básica da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação Física na Educação Básica.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ms Gisele franco de Lima Santos
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a. Ms Karina de Toledo Araújo
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a. Dra. Marilene Cesário
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de _____ de ____.

DEDICATÓRIA

A minha mãe, irmãs e aos amigos de todo o coração, amo muito vocês!!!!

AGRADECIMENTO (S)

Agradeço primeiramente a Deus que é a base de tudo o que acontece na minha vida.

Agradeço a minha mãe Durvalina e minhas irmãs Maura, Sandra e Gláucia, pelo carinho, amor, preocupação e ajuda em tudo o que foi preciso.

Agradeço a minha orientadora Gisele não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade e paciência.

A todos os professores do curso que colaboraram para a minha formação acreditando que somos capazes de ensinar.

Por fim, aos meus amigos que souberam me ajudar nas horas difíceis e compartilhar momentos de alegria.

“A mente que se abre a uma nova idéia jamais
voltará ao seu tamanho original.”

(Albert Einstein)

MAROLDI, Érica. **Educação Física na Educação Infantil**: a organização curricular de 4 meses a 2 anos de idade. 2011. Número total de folhas. Monografia (Pós-graduação em Educação Física na Educação Básica) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

RESUMO

Apesar da preocupação com a formação da criança de 0 até os 2 anos de idade ser cada vez maior no Brasil, vemos que a Educação Física não tem acompanhado a evolução exigida para essa faixa etária. Nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho é propor uma organização curricular da disciplina de Educação Física para crianças da Educação Infantil nesta faixa etária. Por meio de uma pesquisa bibliográfica foi feito um levantamento sobre Educação, Educação Física, Currículo e Desenvolvimento da criança de 0 a 2 anos de idade. A organização curricular para esta faixa etária, ficou dividida da seguinte maneira: 4 e 5 meses de idade; 6 a 8 meses de idade; 9 a 11 meses de idade; 1 ano a 1 ano e 5 meses; 1 ano e 6 meses a 2 anos de idade. Para cada faixa etária os conteúdos foram elencados da seguinte forma: Capacidades Físicas e Motoras; Habilidades Motoras; Expressão Corporal e Ritmica; e Consciência Corporal. Estes conteúdos foram divididos ainda, em subtemas e assuntos. Apontamos sugestões de atividades, no qual apresentamos os conteúdos, objetivos, possíveis materiais e intervenções verbais do professor durante suas aulas. Ao final desta pesquisa concluímos que a Educação Física é essencial para contribuir na formação desta criança, não apenas no aspecto motor, mas atendendo-a como sujeito pensante e um cidadão não somente para o futuro, mas também para o presente.

Palavras-chave: Educação Física; Organização curricular; Educação Infantil.

MAROLDI, Érica. Physical Education in Early Childhood Education: the curriculum from 4 months to 2 years old. 2011. Total number of sheets. Monograph (Graduate in Physical Education in Basic Education) - University of Londrina, Londrina, 2011.

ABSTRACT

Despite concerns about children education from 0 to 2 years old is increasing in Brazil, we see that physical education has not kept the evolution required for this age range. In this perspective, the objective of this work is to propose a curriculum of physical education discipline for children from kindergarten age for this age range. Through a literature search was done a survey on education, physical education, Curriculum and Development of children 0-2 years old. The curriculum for this age range was divided as follows: 4 and 5 months of age, 6 to 8 months of age, 9 and 11 months of age, 1 year, 1 year and 5 months, 1 year and 6 months 2 years old. For each age range listed the contents were as follows: Physical and Motor Skills, Motor Skills, Body and rhythmic expression and body awareness. These contents were further divided into sub-themes and subjects. Pointed suggestions for activities, which present the content, objectives, possible materials and teacher's verbal interventions during their classes. At the end of this study concluded that physical education is essential to contribute to child formation, not only in the aspect engine, but given it as a thinking subject and a citizen not only the future but also to the present.

Keywords: Physical Education; Organização curriculum, early childhood education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Organização dos conteúdos de Educação Física para bebês de 4 e 5 meses.....	34
Tabela 2 – Organização dos conteúdos de Educação Física para bebês de 6 a 8 meses.....	35
Tabela 3 – Organização dos conteúdos de Educação Física para bebês de 9 a 11 meses.....	36
Tabela 4 – Organização dos conteúdos de Educação Física para crianças de 1 ano a 1 ano e 5 meses.....	37
Tabela 5 – Organização dos conteúdos de Educação Física para as crianças de 1 ano e meio a 2 anos.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DCEs - Diretrizes Curriculares do Paraná

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. EDUCAÇÃO, EDUCAÇÃO FÍSICA E CURRÍCULO	13
1.1 Concepção de Educação e de Educação Física.....	13
1.2 Caracterização do termo currículo.....	16
1.2.1 O currículo na Perspectiva Crítica de educação.....	18
2. FORMAÇÃO DA CRIANÇA DE 0 A 2 ANOS	21
2.1 Perspectivas de ensino e aprendizagem para crianças de 4 meses a 2 anos de idade	22
2.2 Estágio de desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo das crianças do berçário	24
2.3 Educação Infantil formalizada	28
3. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA CRIANÇAS DE 0 A 2 ANOS DE IDADE	32
3.1 Procedimentos Metodológicos da Pesquisa	32
3.2 Sistematização dos conteúdos curriculares	33
3.3 Intervenção Pedagógica do Professor de Educação Física na prática do dia a dia	38
3.4 Exemplos de atividades	40
3.4.1 Faixa etária de 4 e 5 meses	41
3.4.2 Faixa etária de 6 e 8 meses	41
3.4.3 Faixa etária de 9 e 11 meses	42
3.4.4 Faixa etária de 1 ano e 1 ano e 5 meses	43
3.4.5 Faixa etária de 1 ano e meio e 1 ano e 11 meses	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Durante a formação no Curso de Licenciatura em Educação Física e agora na pós-graduação voltada para a Educação Básica, aprendemos que os professores que atuam nas diferentes modalidades de ensino têm por função mediar os conhecimentos necessários para a formação dos alunos, por meio de uma intervenção crítica e reflexiva.

Portanto, não podemos esquecer de que essa mediação também deve ser feita com as crianças do berçário, ou seja, com as crianças de 4 meses a 2 anos de idade, já que esse nível de ensino corresponde a primeira fase da Educação Básica, e o fato delas ainda não falarem não quer dizer que não são capazes de se comunicarem e/ou de resolverem conflitos.

Dentre as disciplinas do curso de pós-graduação, Educação Física na Educação Básica, promovido pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), uma é voltada especificamente para o assunto currículo, chamada Organização curricular e Educação Física, na qual vimos que este pode ter diversas definições, características e pode ser construído a partir de três teorias, sendo: a tradicional, a crítica e a pós-crítica.

Partindo do pressuposto de que consideramos a teoria crítica a mais adequada para alcançarmos o nosso objetivo que é ensinar e educar, e de que uma das definições de currículo é que este é o conjunto de conteúdos a serem ensinados, além de ser o ponto de referência para a melhoria da prática de ensino e instrumento para compreender a prática pedagógica, procuramos compreender como a Educação Física deve ser ministrada para as crianças de 0 a 2 anos, nos deparando com o seguinte problema: quais conteúdos da Educação Física devem ser ensinados para as crianças dessa faixa etária? A partir disso colocamos como objetivo propor uma organização curricular da disciplina Educação Física para as crianças do berçário, ou seja, crianças de 2 meses a 2 anos de idade, além de identificarmos as fases do desenvolvimento motor e sua importância para a formação da criança, apontar possíveis atividades para serem utilizadas na educação infantil e reconhecer a importância da Educação Física para essa faixa etária.

Para a coleta dos dados, foi feito um levantamento de obras, artigos e documentos Legais do país e do estado do Paraná que tratam dos assuntos

citados acima, mostrando em tabelas a sistematização dos conteúdos divididos, de acordo com Gallahue e Ozmun (2003) e Neumann (2007), por nível de desenvolvimento das crianças até os dois anos de idade, sendo: com 4 e 5 meses; com 6 e 8 meses; com 9 a 11 meses; com 1 ano a 1 ano e 5 meses; e, por fim, com 1 ano e meio a 2 anos. Lembrando que a divisão dos núcleos de conteúdos foram feitos com base em Santos (2010). Apontamos também, em forma de texto corrido, sugestões de atividades e materiais que poderão ser utilizados como recurso pedagógico para cada faixa etária, apresentando exemplos de possíveis intervenções verbais do professor durante suas aulas.

Assim, este trabalho ficou dividido em três capítulos sendo o primeiro sobre os aspectos da educação, Educação Física e Currículo, o segundo sobre a formação da criança de 0 a 2 anos e o último na qual foi apresentada a análise e discussão dos resultados.

Com essa pesquisa, esperamos contribuir para que os futuros docentes e docentes já formados que atuam ou que irão atuar com esta faixa etária e/ou modalidade de ensino, repense as suas ações, as construções dos seus planos de aulas, quanto aos conteúdos a serem ensinados e os objetivos a serem alcançados.

1. EDUCAÇÃO, EDUCAÇÃO FÍSICA E CURRÍCULO

A educação na atualidade é vista, desde os primeiros níveis, como sendo uma preparação para a vida adulta, ou seja, desde cedo as crianças já são incentivadas a pensar em um futuro promissor. Os pais, em muitos casos, fazem altos investimentos, colocam os filhos em academias de danças, em escolas de instrumentos musicais e/ou de esportes, além de matricularem seus filhos em escolas caríssimas, sonhando em formar “doutores”, já pensando no retorno financeiro que eles terão, inibindo assim a possibilidade de que esses sejam autônomos com direito a fazer suas próprias escolhas.

Sendo assim, o fato de termos escolas totalmente voltado para os vestibulares, leva pais e professores a pensar na construção de um currículo atribuindo importância a disciplinas e conteúdos que julgam essenciais para a aprovação, esquecendo-se de tantos outros que seriam de suma importância para a construção integral do sujeito, sendo uma dessas disciplinas a Educação Física.

Por isso, neste capítulo a princípio falamos a respeito da educação, seu significado, sua função e de que maneira deve-se dar, e mais adiante relacionaremos com a Educação Física tentando estabelecer um paralelo e mostrar qual o seu papel na formação de um indivíduo.

Buscamos também caracterizar o termo currículo, citando algumas perspectivas existentes em relação ao mesmo e defendendo o construído com base em uma perspectiva crítica de educação, uma vez que consideramos o mais adequado para atingir o nosso objetivo que é ensinar e educar.

1.1 Concepção de Educação e de Educação Física

Caracterizar Educação e Educação Física pode ser um tanto complicado pelo fato de existirem diferentes autores com diferentes concepções em relação às mesmas. Aqui as caracterizamos tendo como base os pressupostos construtivistas de Piaget, o qual está voltado para o cognitivo, juntamente com os pressupostos de uma teoria crítica de Educação, por considerarmos os mais adequados quando temos por função formarmos sujeitos críticos e autônomos.

Falaremos a princípio sobre a Educação no geral e logo após sobre a Educação Física, destacando sua importância no ensino do berçário.

Para Ferreira (2010), educação é o ato ou o efeito de educar e/ou educar-se, é também o processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano.

Sendo assim, o educar-se acontece durante toda a vida já que estamos em constantes desenvolvimentos, e um dos lugares propícios para educar é a escola, e lá nós professores devemos ter consciência de que os alunos “são capazes de aprender sempre independente da fase de desenvolvimento e do local onde a criança se encontra.” (PALMA et al, 2008, p.95).

Partindo dos pressupostos de uma educação crítica, Palma et al (1999), entende que o objetivo da educação escolarizada seja o de proporcionar aos alunos momentos em que eles possam criar, inventar, construir e modificarem conceitos, para isso deve-se interagir com o meio.

Ao apoiarmos na interação sujeito-meio, defendemos que o sujeito tem uma estrutura genética que, ao interagir com o meio, constrói seus conhecimentos, e que o processo não tem limite final estabelecido, mas que acontece durante toda a sua vida (PIAGET, 1974, 1977, 1990; apud PALMA et al, 2008, p. 96).

Nesse sentido, o conhecimento nunca é acabado, ou seja, o sujeito tem um conhecimento organizado que ao sofrer uma interação com o meio desorganiza-o e depois o organiza novamente caracterizando-o como um novo conhecimento, sendo que essa ordem-desordem-ordem acontece infinitamente.

Em relação ao ensino que segundo Palma et al (2008) é uma prática eminentemente educativa, Freire (1996) nos apresenta um modelo denominado prática educativo-crítica, que vai ao encontro da prática “bancária” a qual entende que os alunos são uma tábula rasa onde o professor deposita o conhecimento.

Para tanto os docentes que seguem a prática educativo-crítica, precisam se convencer de que ensinar não é transferir conhecimento, mas sim criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção, instigando cada vez mais a curiosidade dos educandos. (FREIRE, 1996).

A relação professor-aluno deixa de ser autoritária, na qual o professor manda e os alunos obedecem, o conhecimento passa a ter um sentido e um significado para cada um, já que os docentes partem daquilo que os alunos já conhecem e que fazem parte do seu cotidiano, e estes torna-se sujeitos autônomos, críticos e reflexivos.

Definidos assim o significado, a função e a maneira de como deve ser a educação partiremos com o mesmo objetivo em relação à Educação Física escolar. Essa, segundo Paraná (2008), tem como objeto de estudo e de ensino a Cultura Corporal, busca garantir aos alunos o acesso ao conhecimento e à reflexão crítica das diversas manifestações ou práticas corporais historicamente produzidas pela humanidade, e tem como ideal formar seres humanos críticos e reflexivos.

De acordo com BRASIL (apud ULASOWICZ; PEIXOTO, 2004) a função social da Educação Física é eminentemente educacional e dentro da sua especificidade deve contribuir para a educação geral do indivíduo.

Essa disciplina no contexto escolar tem juntamente com as demais áreas do conhecimento, os mesmos propósitos e responsabilidades, ou seja, contribuir com o processo educacional da criança e atender os princípios do projeto pedagógico da escola, sendo entendida como integrante imprescindível do processo educacional. (PALMA et al, 2008, p. 97).

Cabe a nós professores dessa área possibilitar situações para que nossos alunos vivenciem movimentos variados, reflitam sobre suas ações e identifique-as nas diversas tarefas no seu cotidiano, considerando que...

[...] quanto mais ricas e numerosas forem as experiências motoras das crianças, maior será o número de esquemas por elas construídos, o que possibilitará, pelas coordenações estabelecidas entre esses esquemas, a construção de inúmeras e diferentes habilidades motoras: as operações motoras." (PALMA e PALMA, 2005; apud PALMA et al, 2008, p.99).

Entretanto as respostas não devem ser dadas prontas, ou seja, nós docentes devemos promover desequilíbrios cognitivos¹ nos alunos para que eles busquem a solução, possibilitando-lhes que façam uma ligação do que já sabe com o novo e alcance um conhecimento significativo.

Para tanto devemos levar em consideração “que cada criança possui uma história de vida diferente, com valores diferentes, com vivência de movimentos diferentes, mas com possibilidades similares para construir sua motricidade”. (PALMA et al, 2008, p. 98). Daí a importância de se ter profissionais competentes, pois caso contrário, este poderá vir prejudicar o desenvolvimento integral dos seus alunos.

Quanto ao papel da Educação Física no desenvolvimento infantil Freire (1992) nega a existência de padrões de movimentos e constata a manifestação de esquemas motores, caracterizada como organizações de movimentos construídos pelos sujeitos, “construções essas que dependem tanto dos recursos biológicos e psicológicos de cada pessoa, quanto das condições do meio ambiente em que ela vive”. (FREIRE, 1992, p. 22). Sendo esses esquemas motores construídos à partir dos esquemas que o sujeito já construiu anteriormente

Podemos destacar também, a importância de o professor utilizar atividades que fazem parte do cotidiano dos seus alunos como recurso pedagógico, para motivá-los a aprender e conseqüentemente facilitar o seu objetivo que é educar e ensinar.

1.2 Caracterização do Termo Currículo

Dentre as definições do termo currículo, está a de que este é um conjunto de conteúdos a serem ensinados durante o ano letivo de uma instituição de ensino (PACHECO, 2005). O fato de buscarmos uma organização curricular para as aulas de Educação Física destinadas as crianças de 4 meses a 2 anos de idade, nos leva aqui a caracterizá-lo e mostrar as teorias pelas quais pode ser embasada a sua construção.

¹ Entendemos que o desequilíbrio cognitivo ocorre quando o sujeito necessita organizar seus conhecimentos para resolver alguma questão e/ou desafio proposto pelo docente.

Segundo Pacheco (2005), o termo currículo apareceu em um dicionário pela primeira vez em 1663, com o sentido de um curso regular de estudos numa escola ou universidade, porém, a palavra é de origem recente significando organização de ensino e querendo dizer o mesmo que disciplina.

Entretanto, de acordo com o autor citado anteriormente não existe uma única e verdadeira definição de currículo que reúna todas as idéias relacionadas às atividades educativas, mas sim à que define este pela sua complexidade e ambiguidade.

Portanto, o termo currículo pode ter diversas definições, como por exemplo: ponto central de referência para a melhoria da prática de ensino; instrumento para compreender a prática pedagógica; conjunto de conteúdos a serem ensinados; plano de ações pedagógicas (metodologia), entre outros; “e resulta da interação e confluência de várias estruturas (políticas/administrativas, econômicas culturais, sociais, escolares...) na base das quais existem interesses concretos e responsabilidades compartilhadas”. (PACHECO, 2005, p. 37). Com isso, percebemos que o currículo não é neutro e que a seleção de seus saberes, segundo Cesário (2010), está condicionada por idéias e valores advindos de posições políticas, econômicas e sociais.

Nas Diretrizes Curriculares do Paraná (DCEs), destaca-se como objetivo tornar a escola um lugar de socialização do conhecimento e a construção de uma sociedade mais justa, sendo assim, é proposta uma reorientação na política curricular e a opção de se adotar um currículo disciplinar, onde todos tenham acesso ao conhecimento produzido pela humanidade que estão veiculados aos conteúdos de cada disciplina. A respeito disso, fica claro nas mesmas Diretrizes que...

[...] assumir um currículo disciplinar significa dar ênfase à escola como lugar de socialização do conhecimento, pois essa função da instituição escolar é especialmente importante para os estudantes das classes menos favorecidas, que têm nela uma oportunidade, algumas vezes a única, de acesso ao mundo letrado, do conhecimento científico, da reflexão filosófica e do contato com a arte. (PARANÁ, 2008).

Outro fator que implica quando buscamos caracterizar um currículo é em relação a como este é construído, ou seja, ele pode ser imposto, ou construído coletivamente pelos professores, alunos e a comunidade.

No caso de um currículo imposto, a prática docente pode ser diferente do que está escrito, uma vez que não teve seu envolvimento na construção e, portanto o que foi definido pode não estar de acordo com a realidade escolar. No entanto quando este é construído coletivamente pode acontecer também práticas que não são propostas pelo documento, mas diferente do primeiro caso, segundo Paraná (2008), não é esquecido o seu ponto de partida teórico-metodológico.

Sendo assim, em ambos os casos podemos perceber, e aqui destacar outra característica de currículo, a de que pode-se ter a partir de um mesmo currículo, um currículo oficial, um real e um oculto, ou seja, o currículo oficial, de acordo com Pacheco (2005), seria aquele adotado pela estrutura organizacional escolar; o currículo real, aquele que acontece no dia-a-dia da escola e que se compara com ao currículo oficial e por último, além de outras definições apresentadas pelo autor, o currículo oculto que acontece quando o currículo realizado não corresponde ao currículo oficial e explícito.

Além da visão de homem, mundo e sociedade que se pretende formar, no currículo oficial deve aparecer a avaliação do processo de ensino e aprendizagem, constando o que avaliar, como avaliar, e os momentos que é preciso fazê-lo, pois é através dessa avaliação realizada pelo professor que este percebe se seus objetivos estão sendo alcançados. Sendo a observação a estratégia principal de avaliação na etapa da educação infantil.

Com isso, podemos observar que definir currículo não é simples e fácil, pois ao tentarmos realizar isso podemos citar algumas características do mesmo, mas nunca o definiremos ao pé da letra, já que teremos sempre algo a acrescentar.

1.2.1 O Currículo na perspectiva Crítica de Educação

Para se elaborar um currículo é necessário à comunidade escolar ter claro qual tipo de sujeito pretende formar e a partir daí buscar uma teoria que sustente suas ações, desde a sistematização dos conteúdos às estratégias pedagógicas que irão adotar.

Segundo Silva (2002), o currículo pode ser construído com base em uma de suas três teorias, ou seja, a tradicional, a crítica e a pós-crítica. A primeira,

de acordo com o mesmo autor, esta voltada para a eficiência, produtividade, organização, desenvolvimento e a educação é vista como processo de moldagem; a segunda surgiu por volta da década de 1960 com o intuito de se opor às práticas educacionais baseadas na teoria tradicional e a aprendizagem se dá através da vivência e das relações sociais na escola; por fim a terceira, que questiona as noções de razão e racionalidade e dúvida do sujeito racional, livre, autônomo, centrado e soberano da modernidade.

Aqui defendemos a teoria crítica, uma vez que consideramos adequada para alcançarmos o nosso objetivo que é ensinar e educar. Sendo assim, ao adotarmos um currículo construído com base nessa teoria, chamaremos a atenção para algumas das suas características, sendo uma delas, a importância de se provocar desequilíbrios cognitivos em nossos alunos de acordo com o seu nível de aprendizagem, não evitando de realizar o mesmo procedimento com as crianças do berçário, uma vez que o fato de ainda não falarem não quer dizer que não são capazes de resolverem problemas propostos. A respeito disso Freire (1992, p. 31) destaca que ...

[...] a inteligência não é um elemento exclusivamente racional, pois antes que surjam no indivíduo as primeiras representações mentais, já se manifesta nele um nível elevado de inteligência corporal, que prossegue mesmo após estruturar-se o pensamento.

Outra característica se refere ao fato de nós professores ensinarmos de forma que o conhecimento venha a ser significativo para nossos alunos. Para isso partiremos daquilo que eles já sabem e adotaremos estratégias pedagógicas relacionando o novo conteúdo com o que acontece no seu cotidiano. Lembrando que ao adotarmos essas estratégias e a utilizarmos corretamente, prendemos cada vez mais a atenção dos discentes e incentivamo-los a querer cada vez mais buscar um novo conhecimento ...

[...] tirando de quase nada formas criativas, amorosas, inovadoras, estimulantes, que mobilizam a curiosidade das crianças de aprender, o que as faz a cada dia retornar à escola com brilho nos olhos, cheias de perguntas, cheias de descobertas, ansiando por compartilhar com a

professora e com as outras crianças os seus novos saberes e novos desejos de saber”. (GARCIA, 2002, p. 8).

Quando falamos que devemos partir daquilo que nossos alunos já sabem não é só em relação à teoria e sim também em relação à ação motora. Por exemplo, o fato de uma criança saber pegar um copo, não quer dizer que ela dê conta de realizar a mesma ação de diversas formas e fazer uma tarefa específica com precisão, para isso é necessário que ela vivencie a nova maneira e construa novos esquemas motores, pois pegar um copo, por exemplo, é bem diferente de pegar um lápis.

Quando o sujeito tem a tarefa de pegar um copo erguer e depois colocar no lugar e logo em seguida pegar um lápis e escrever algo e devolve-lo também no lugar, este deverá organizar um esquema motor, desorganizar e depois organizar outro esquema para conseguir realizar essas tarefas.

Feito isso seria interessante instigá-los sobre o que realizaram e como realizaram, para que comecem a tomar consciência dos seus movimentos. Em relação às crianças que ainda não falam, ao sugerirmos tarefas a estes, como por exemplo, colocar um objeto a uma certa distância de um bebê e incentivá-lo a ir buscar, esperamos que realize a tarefa da maneira que já conhece e depois incluiremos algumas dificuldades gradativamente para que ele consiga realizar a mesma tarefa de outras formas. Destacando que estas formas variam de acordo com a sua maturidade biológica. A respeito disso Freire destaca que ...

[...] o ser humano, principalmente quando criança, precisa construir seus próprios meios de transporte para empreender essa viagem chamada vida. Se ele não consegue alcançar um objeto que o atrai, que ele deseja, só resta um recurso: construir um mecanismo que o leve ao seu objetivo. Um bebê de poucos meses, que ainda não sabe engatinhar, terá que realizar um enorme esforço, arrastando-se, para pegar qualquer objeto que esteja distante. Em pouco tempo, assim que a maturação biológica gere força muscular e organização nervosa suficientes, o arrastar-se permite à criança uma viagem muito limitada, enquanto o engatinhar já lhe permite ir mais longe e empreender novas conquistas. (FREIRE, 1992, p. 28)

Com isso, ou seja, levar nossos alunos a pensarem sobre suas ações e buscarem diversas soluções para um mesmo problema, estaremos caminhando para

a formação de sujeitos reflexivos, críticos, autônomos, que possam vir a agir na sociedade.

Entretanto, para que o professor se certifique de que seus objetivos estão sendo alcançados é necessário que avalie o início, o meio, e o fim do processo de ensino-aprendizagem e adotem novas estratégias pedagógicas, caso a suas não estiverem adequadas.

Contudo, esse tipo de currículo, juntamente com a organização disciplinar é o que as DCEs propõem para a rede estadual de ensino do Paraná, e estas valorizam o aprofundamento dos conhecimentos organizados nas diferentes disciplinas escolares por considerarem condição para se estabelecerem as relações interdisciplinares, necessárias para a compreensão da totalidade.

2 FORMAÇÃO DA CRIANÇA DE 0 A 2 ANOS

A preocupação com o ensino de crianças de 0 a 6 anos surgiu com a inserção da mulher no mercado de trabalho no início da industrialização, isso pelo fato de não terem com quem deixar seus filhos. Sendo assim, na época em que surgiu as instituições de ensino para essa faixa etária, era normal a preocupação maior em relação ao cuidado com as crianças do que em relação ao que elas estavam ou podiam aprender durante o período que frequentavam esses estabelecimentos.

Entretanto, com o passar dos anos, estudos e leis contribuíram para se repensar a educação infantil. E neste capítulo abordamos a perspectiva de alguns autores sobre o ensino e a aprendizagem das crianças de 4 meses a 2 anos de idade, procurando definir se é possível ou não esse processo para essa faixa etária, e como deve acontecer. Abordamos também os estágios de desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo dos alunos e a importância de falar dessas divisões, além do que a legislação aborda em relação a esse nível de educação, sua função e características.

2.1 Perspectivas de Ensino e Aprendizagem Para Crianças de 4 meses a 2 anos de Idade

Segundo Gallahue (2002), o período de 0 a 2 anos de idade é chamado de primeira infância, e é o período em que as crianças começam a dominar as principais tarefas motoras rudimentares, tais como aprender a sentar-se sem apoio, a segurar e soltar objetos, ficar em pé, andar sem ajuda, dentre outras, constituindo a base sobre a qual as crianças desenvolvem e aperfeiçoam os padrões dos movimentos fundamentais e as competências motoras especializadas, não esquecendo, é claro, do seu desenvolvimento cognitivo e afetivo. Por isso a importância de termos o processo de ensino e aprendizagem desde essa faixa etária com professores especializados e estruturas adequadas.

Na sociedade em que vivemos a maioria das crianças vão para creche, pré-escola ou escola a partir dos 4 meses de idade, isso pelo fato das mães terem

que trabalhar para complementar a renda familiar e não ter com quem deixar seus filhos.

Entretanto, infelizmente, o fato da criança frequentar uma instituição de ensino tão cedo, em muitos casos, não está relacionado ao objetivo de ensinar e aprender, pois muitos pais estão mais preocupados se seus filhos estão sendo bem cuidados do que se estão aprendendo algo.

Com relação a algumas instituições e pais, vários tem como princípio formar a criança para o futuro, dar base para que terminem a educação básica, curse o ensino superior e exerça uma função de alto padrão na sociedade, esquecendo portanto da importância da criança viver intensamente cada período da sua vida. A respeito disso Freire (1992) cita uma história de Rubem Alves do seu livro *Estórias para quem gosta de ensinar*, onde ...

[...] um pai, todo orgulhoso, pergunta ao filho o que ele vai ser quando crescer. A criança responde que vai ser médico, um dos rótulos respeitáveis que o pai admite (poderia ser também engenheiro, advogado, diplomata ...). Já um outro pai, que tem um filho leucêmico, diz-lhe que “se tudo correr bem, iremos ao jardim zoológico no próximo domingo ...” Este pai não pode fazer perguntas sobre o futuro simplesmente porque seu filho não tem futuro. Por ironia, a segunda criança acaba vivendo com intensidade cada dia de sua vida (que deverá ser curta), ao passo que a primeira apenas prepara-se para viver um futuro distante, incerto, irreal... um futuro que inventam para ela. (RUBEM ALVES, 1984; apud FREIRE, 1992, p. 16).

Sendo assim, para alcançar esse objetivo, ou seja, o de contribuir com a formação da criança para um futuro que pode ser irreal, essa comunidade escolar foca sua atenção na alfabetização, por isso destina pouco espaço físico para a prática de atividades corporais, o que é um erro, já que segundo Freire (1992), o conhecimento de mundo da criança nesse período depende das relações que ela estabelece com os outros e com os objetos, e a criança centrada apenas na alfabetização não conseguirá fazer uma ligação entre essa aprendizagem e o mundo.

Para Freire (1992), a aprendizagem significativa nessa fase, depende mais do que nas outras da ação corporal. Isso porque como vimos anteriormente as crianças não expressam verbalmente o que querem e/ou o que aprenderam e sim expressam pela sua ação motora.

Não queremos aqui em hipótese alguma negar a importância da alfabetização, mas sim enfatizar que esta não deve ser precoce e que deve acontecer como consequência do processo que a criança realiza ajudada pela escola, não se esquecendo de focar as ações motoras.

É necessário que assim como em outros níveis de ensino, a educação infantil possua uma organização dos conteúdos a serem ensinados já que no decorrer dessa etapa há uma série de saberes culturais que devem ser conhecidos e de aspectos que ajudam a desenvolvê-los, referindo-se aos conteúdos educativos.

À escola em parceria com a família e à sociedade é reservado o papel de desenvolver a formação da criança para a cidadania, envolvendo conhecimentos, atitudes, habilidades, valores, formas de pensar e agir contextualizadas ao social para que possa participar de sua transformação. (MORAES; SCARMELOTTO; SILVA, 2010, p. 01)

É preciso incentivar as crianças a criarem algo novo, a se expressarem, a exporem suas ideias e desejos, respeitando o seu ritmo de desenvolvimento e de interesse, levando em conta o espaço reservado na escola para que isso aconteça, colocando-as como centro do processo educacional.

Precisamos entender que a educação infantil é tão importante quanto todos os outros níveis de ensino, sendo a primeira e fundamental etapa da educação básica.

2.2 Estágio de desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo das crianças do berçário

Falar em desenvolvimento humano é falar em mudança no corpo na sua totalidade, ou seja, na maturidade do sistema nervoso, ossos e músculos; na experiência adquirida na ação sobre os objetos; na relação social; e no processo de equilibrar-se cognitivamente. Sendo a Maturidade relacionada à transformação do organismo em função do tempo e da idade; a Experiência quando física relacionada a ação sobre os objetos para conhecer os seus aspectos observáveis, e quando lógico matemática, relacionada a coordenação das ações que se faz com esse

objeto; as diferentes interações sociais e culturais que favorecem o maior ou o menor ritmo de desenvolvimento; e por fim a equilibrção cognitiva que acontece num constante processo de equilíbrio cognitivo e desequilíbrio cognitivo, pelo qual o indivíduo acomoda/incorpora os elementos que são assimilados pelas estruturas e que são alterados ampliando suas possibilidades após um conflito/uma nova perturbação. (SANTOS, 2010)

É importante aqui destacarmos a diferença entre desenvolvimento humano, crescimento físico e desenvolvimento motor, ou seja, enquanto o primeiro está voltado para as mudanças do corpo em sua totalidade, o segundo é a modificação física e biológica das estruturas morfológicas do organismo, e por fim, o terceiro é o conjunto de transformações no comportamento motor, representando um aspecto do desenvolvimento humano e dependendo da sequência de desenvolvimento do cérebro. (SANTOS, 2010).

A forma mais utilizada para classificar o desenvolvimento humano é pela idade cronológica. Gallahue e Ozmun (2003) classificaram o desenvolvimento infantil como: Primeira infância – que vai do nascimento até os 2 anos de idade; e infância – dos 2 aos 10 anos.

A primeira infância, que compõe o berçário em instituições de ensino, Neumann (2007), classificou em: o bebê de 4 e 5 meses; o bebê de 6 e 8 meses; o bebê de 9 e 11 meses; a criança de 1 ano a 1 ano e cinco meses; e a de um ano e meio a um ano e 11 meses. Lembrando que apesar do desenvolvimento estar relacionado à idade ele não depende somente dela.

Procuramos aqui descrever algumas características dos estágios pelos quais nós seres humanos passamos enquanto crianças, estágios esses presentes no desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social. Lembrando que para falarmos desses períodos de desenvolvimento, é importante destacarmos que estes não são padronizados e que é impossível certo período começar exatamente quando termina o outro, isso pelo fato de que, como afirma Freire (1992), o padrão de desenvolvimento na qual nos encontramos ser definido a partir do nosso esforço de adaptação no mundo.

Para Zaia ([19--]), a relação íntima entre esses diferentes aspectos do desenvolvimento possibilita que todos apresentem avanços semelhantes o que não

significa que todos caminhem juntos sempre, sendo o desenvolvimento cognitivo o que abre as possibilidades para que os outros desenvolvimentos aconteçam.

O primeiro estágio que vem em nossa mente quando falamos em crianças de 4 meses é em relação ao aspecto motor, isso porque ao nascer o único meio que a criança tem de se relacionar com o mundo é pelo seus esquemas motores (os quais a princípio são reflexos e mais adiante se tornam movimentos intencionais) já que envolvem funções biológicas menos sofisticadas do que a linguagem.

Sendo assim, por exemplo, duas crianças com 1 ano, podem ter a mesma idade mas não estão necessariamente no mesmo nível de desenvolvimento. Isso porque, depende de como essas crianças estão sendo estimuladas, seja pelo ambiente na qual convive e/ou pelas relações com as pessoas ao seu redor.

A fase em que a criança tem suas primeiras expressões de vida, onde há uma maior incidência de movimentos reflexos Le Boulch chama de corpo submisso, já quando esses vão cedendo lugar para os movimentos intencionais o mesmo autor chama de etapa do corpo vivido.

Piaget chama o primeiro período que vai do nascimento até o surgimento da linguagem, por volta de dois anos de idade, de sensório-motor, e distingue nele três estágios: o dos reflexos, o da organização das percepções e hábitos e o da inteligência propriamente dita. (FREIRE, 1992).

Em relação aos reflexos, podemos destacar que é através deles que a criança sente pela primeira vez o afeto e o carinho da pessoa mais próxima no momento, que é a sua mãe. É pelo reflexo do sugar, por exemplo, que ela consegue suprir uma das suas necessidades básicas, que é se alimentar, e é também por estes a princípio, e logo depois pelos movimentos intencionais, que ela consegue se expressar nos seus primeiros anos de vida.

Segundo Piaget

[...] a partir do momento em que as funções nervosas permitem à criança libertar-se dos automatismos, aquilo que era reflexo começa dar lugar ao aprendido. Ou seja, aparece no indivíduo o comportamento inteligente, os esquemas motores correspondendo, no plano da inteligência corporal, às representações mentais ou

pensamentos no plano da inteligência conceitual. (Piaget apud Freire, 1992, p.33).

Sendo os reflexos o primeiro passo para a tomada de consciência, estes segundo Palma et al (2010), não podem ser ignorados ou tratados como manifestações puramente automáticas, biológicas e mecânicas, pois há uma organização que parte dele e evolui para esquemas sensório-motores, e é

[...] por esta razão que se defende que a tomada de consciência já ocorre desde o início da interação do sujeito com o mundo... e é esta inteligência prática, saber fazer inicial ou tomada de consciência em atos, que permite a criança poder se apropriar do mundo construindo níveis sucessivos e provisórios de tomada de consciência cada vez mais complexos, cada vez mais elaborados, vindo a se transformarem em conceitos. (PALMA et al, 2010, p. 198).

Em relação a isso podemos destacar que as crianças ao nascerem precisam de alguns cuidados simples como comer e dormir em determinadas horas além de receber atenção principalmente dos pais, sendo uma atenção não muito complexa, isso comparada a quando eles crescem um pouco mais, e choram porque tem vontade de algo, ou não querem estar sozinhas, ou não aceitam ficar com uma determinada pessoa. Nesse período a maioria dos reflexos já foram superados e seu modo de agir já é intencional.

Com o surgimento da linguagem, que vem logo depois, as ações físicas começam a serem superadas por outras mais elaboradas, do mesmo modo em relação ao pensamento. Este período que vai até aproximadamente os 7 anos, incorpora o anterior e acrescenta o símbolo (representações mentais) às atividades das crianças, sendo chamado de primeira infância ou período pré-operatório intuitivo ou simbólico, o qual supera o “fazer somente” pela compreensão. (PIAGET apud FREIRE, 1992).

Com isso, à partir do momento em que o sujeito tem acesso ao símbolo, este começa a representar mentalmente as ações que vive no mundo, com a mesma dificuldade que encontrou para coordenar seus movimentos corporais, já que

[...] essas representações mentais exigem coordenações semelhantes às que garante às condutas motoras, pois uma imagem isolada nada significa em termos de pensamento ... uma vez que este só acontece quando as imagens se coordenam em ações, não mais a nível de ações corporais, e sim de ações mentais ". (FREIRE, 1992, p. 36).

Passado os dois períodos anteriores tem-se o início da cooperação e do raciocínio lógico, onde as crianças passam a se relacionar com as outras pessoas e elaborar explicações para os problemas gradativamente compatíveis com a sua realidade, a esse período Piaget (apud FREIRE, 1992) chamou de operatório-concreto, que vai aproximadamente até os 12 anos.

Por fim, chegando a mais ou menos a essa idade até os 15 ou 16 anos, o sujeito entra no último período de desenvolvimento descrito por Piaget, que é o operatório-formal ou hipotético-dedutivo, a partir daí ele entra no mundo das teorias e começa a se interessar por coisas que ainda não aconteceram. (FREIRE, 1992).

Sendo assim, o que podemos destacar é que os aspectos psicológicos de desenvolvimento não estão predeterminados, mas sim são adquiridos mediante a interação com o meio físico e social que envolve as crianças desde o seu nascimento, portanto estes desenvolvimentos são resultados da interação entre o programa de maturação e a estimulação social e pessoal que sujeito recebe das pessoas que estão ao seu redor.

Entretanto para que tudo isso aconteça, é preciso destacar a importância de a escola oferecer um ambiente facilitador da aprendizagem durante todos os níveis de ensino, um lugar onde os alunos se sintam seguros ao se expressarem e que os instigue a criar, a vivenciar novas experiências, a interagir com seus amigos e os adultos, a buscar várias soluções para um determinado problema, levando os a refletir, destacando a necessidade de profissionais capacitados que compreendam estes estágios de desenvolvimento pelos quais todos nós passamos.

2.3 Educação Infantil Formalizada

Muitas pessoas associam a Educação Infantil apenas a certos cuidados com as crianças, ou como a preparação dessas para ingressar nos níveis

superiores de ensino, isso porque ainda não se atentaram ao seu verdadeiro significado, fruto de estudos realizados em relação ao assunto. Com essa preocupação abordamos aqui a legislação e documentos oficiais que a sustentou em determinadas épocas e a sustenta hoje, além de sua origem, evolução, funções e características, buscando despertar no leitor a necessidade e a importância atribuída ao ensino nessa faixa etária.

Sendo assim, destacamos que a preocupação com o ensino de crianças de 0 a 6 anos no Brasil surgiu com a urbanização do país nas décadas de 1970 e 1980, ainda mais pelo motivo da inserção da mulher no mercado de trabalho, já que essas quando saíam para trabalhar não tinham com quem deixarem seus filhos. (BRASIL 2006).

Por isso a ideia de a Educação Infantil ser associada ao cuidado com as crianças, pois nesse período essa era a maior preocupação, ou seja, se seus filhos iriam comer, dormir e brincar na hora certa, além de que se estariam aprendendo hábitos básicos de higiene pessoal.

A pressão da demanda, a urgência do seu atendimento, a omissão da legislação educacional vigente, a difusão da ideologia da educação como compensação de carências e a insuficiência de recursos financeiros levaram as instituições de Educação Infantil a se expandirem “fora” dos sistemas de ensino. Difundiram-se “formas alternativas de atendimento” onde inexistiam critérios básicos relativos à infra-estrutura e à escolaridade das pessoas que lidavam diretamente com as crianças, em geral mulheres, sem formação específica, chamadas de crecheiras, pajens, babás, auxiliares, etc. (BRASIL, 2006, p. 8).

As creches eram voltadas para a educação da população de baixo poder econômico, enquanto que as pré-escolas eram organizadas para atender as crianças das classes média e alta; ressaltando que nem as creches atendiam somente crianças de 0 a 3 anos, nem as pré-escolas somente às de 4 a 6 anos, e quanto à separação das idades, na educação de 0 a 3 anos predominam os cuidados em relação a saúde, higiene e alimentação, e a educação de 4 a 6 anos tem sido concebida como a fase preparatória para o Ensino Fundamental. (BRASIL, 2006).

Infelizmente essa divisão ainda deixa marcas na Educação das crianças de 0 a 6 anos de hoje, pois muitos pais e até mesmo membros de comunidades escolares não conseguem ver, o cuidar e o educar unidos nas salas

de aula. Acreditam que as crianças menores ainda não estão aptas a aprender algo e que só estarão à partir da construção da linguagem. Com isso o período em que deveriam dar aulas desenvolvem algumas atividades sem planejamentos e objetivos só para “matar o tempo”, e se tratando das crianças maiores elaboram objetivos não para o presente e sim para o futuro. Não que devemos deixar de lado uma perspectiva de futuro para nossos alunos, mas sim educá-los para o presente, colaborando para que sejam sujeitos de sua própria história e autônomos para escolher seus próprios caminhos. Lembrando que para se alcançar isso, o trabalho pedagógico deve atender as necessidades específicas de cada faixa etária.

Segundo Kramer (2006), nesse período a educação das crianças de 0 a 6 anos assume a função de ser compensatória, ou seja, buscava-se por ela sanar as carências culturais, as deficiências na linguagem e defasagens afetivas das crianças provenientes de camadas populares. Isso porque os documentos oficiais do MEC e pareceres do então Conselho Federal de Educação, influenciados por orientações de agências internacionais e programas desenvolvidos nos Estados Unidos e na Europa, defendiam que a pré-escola poderia salvar a escola dos problemas relativos ao fracasso escolar. Brasil (2006), afirma que a educação para essa faixa de idade assumiu e ainda hoje assume diferentes ações no âmbito da atuação do Estado, pois além do caráter compensatório, era predominantemente assistencialista, ora com caráter educacional nas ações desenvolvidas.

Na Constituição Federal de 1988, a educação das crianças de 0 a 6 anos, concebida, muitas vezes, como amparo e assistência, passou a figurar como direito do cidadão e dever do Estado, numa perspectiva educacional, em resposta aos movimentos sociais em defesa dos direitos das crianças. Nesse contexto, a proteção integral às crianças deve ser assegurada, com absoluta prioridade, pela família, pela sociedade e pelo poder público. A Lei afirma, portanto, o dever do Estado com a educação das crianças de 0 a 6 anos de idade. A inclusão da creche no capítulo da educação explicita a função eminentemente educativa desta, da qual é parte intrínseca a função de cuidar. Essa inclusão constituiu um ganho, sem precedentes, na história da Educação Infantil em nosso país. (BRASIL, 2006).

Como podemos observar a Constituição de 1988 representou um grande avanço para a Educação Infantil, deixando de se constituir em caridade para se transformar, ainda que apenas legalmente, em obrigação do Estado e direito da Criança (BRASIL, 2006). E todos esses direitos foram reafirmados no Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, ao mesmo tempo em que foram estabelecidos

meios para a participação da sociedade na formulação e implementação de políticas para a infância. (BRASIL, 2006).

A partir de 1994, o Ministério da Educação (MEC) com o objetivo de discutir com os gestores municipais e estaduais de educação questões relativas a definição de políticas para a Educação, realizou vários encontros e seminários, onde coordenou a elaboração do documento de **Política Nacional de Educação Infantil**, no qual estabelece como principais objetivos para a área: o aumento da oferta de vagas para a criança de 0 a 6 anos, a educação e o cuidado como aspectos indissociáveis a essas crianças, além da melhoria da qualidade do atendimento em instituições de Educação Infantil. (BRASIL, 2006).

Sendo assim para atingir esse último objetivo, o Ministério da Educação, partindo das políticas que já existiam, das discussões que vinham ocorrendo em torno da elaboração da LDB e tendo em vista as suas prioridades, apontou quatro linhas de ação:

[...] incentivo à elaboração, implementação e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares; promoção da formação e da valorização dos profissionais que atuam nas creches e nas pré-escolas; apoio aos sistemas de ensino municipais para assumirem sua responsabilidade com a Educação Infantil; criação de um sistema de informações sobre a educação da criança de 0 a 6 anos. (BRASIL, 2006, p. 11).

Ainda eram os primeiros passos, mas já podemos perceber com isso a evolução na Educação, se tratando aqui em especial na Educação Infantil, nas quais as autoridades não satisfeitas começaram a se voltar para outro assunto de extrema importância, ou seja, a formação dos professores que são responsáveis por cada nível de Ensino.

Com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) em 1996, a Educação Infantil passou a ser considerada a primeira etapa da Educação Básica e a ter como finalidade o desenvolvimento integral das crianças de 0 a 6 anos, cabendo aos docentes à função de contribuir para que essas construam e exerçam a sua cidadania. Dessa forma, de acordo com o art. 62 da LDB, para ser docente na Educação Infantil o indivíduo deverá se formar em “nível superior, admitindo-se como formação mínima, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.” (BRASIL, 2006).

Quanto ao aspecto de Infraestrutura, na LDB são incluídas nos orçamentos de educação, a construção e a conservação das instalações escolares. (BRASIL, 2006). Já em relação à proposta pedagógica, cabe a cada instituição de Educação Infantil elaborar as suas próprias, tendo a participação efetiva dos professores, das famílias e das crianças, não deixando de levar em conta a diversidade cultural brasileira. (BRASIL, 2006).

Em 1998, o MEC elaborou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) buscando atender a necessidade de uma base nacional comum para os currículos, sendo um conjunto de referências e orientações pedagógicas não necessariamente obrigatórias à ação docente. No mesmo período o Conselho Nacional de Educação, com caráter mandatório, definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), as quais, segundo o mesmo documento, é a doutrina sobre princípios, fundamentos e procedimentos da Educação Básica, que orientarão as instituições na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas. (BRASIL, 2006).

Hoje as propostas pedagógicas para a Educação Infantil são construídas tendo como base os dois últimos documentos citados acima, elaborados para que se alcance no Brasil um ensino de qualidade. Esse nível de ensino vem conquistando cada vez mais a atenção da população e se enquadrando cada vez mais no sistema educacional brasileiro, sendo, portanto a etapa inicial da Educação Básica. Isso porque tem uma grande importância no processo de construção integral do sujeito.

3 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA CRIANÇAS DE 0 A 2 ANOS DE IDADE

Neste capítulo apontamos o tipo de pesquisa que realizamos, as fases que percorremos para sistematizarmos os conteúdos da Educação Física destinados às crianças do berçário, além de apontarmos características de como deve ser a nossa intervenção pedagógica no dia-a-dia da escola, e atividades/materiais que poderão servir como recursos pedagógicos. Utilizamos tabelas e texto corrido para demonstrarmos os resultados alcançados.

3.1 Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

Levando em conta os seus objetivos, essa pesquisa é classificada como uma pesquisa exploratória, que segundo Gil (1996) proporciona maior familiaridade com o problema, além de objetivar o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Já levando em conta os procedimentos técnicos utilizados, podemos classificá-la como uma pesquisa bibliográfica, uma vez que utilizamos fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre o assunto estudado.

Este trabalho é de cunho bibliográfico, pois utilizamos como base para construí-lo quase que exclusivamente livros e artigos específicos que tratam dos assuntos: educação, educação física, currículo e desenvolvimento da criança de 0 a 2 anos. Entretanto utilizamos também de documentos Legais do país e do estado do Paraná, como por exemplo, respectivamente, **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de 0 a 6 anos de idade** e as **Diretrizes Curriculares do Paraná**.

Sistematizamos os conteúdos da Educação Física destinados ao berçário de acordo com a faixa etária de 4 meses a 2 anos de idade proposto por Neumann (2007). Para chegarmos aos resultados optamos em seguir as seguintes fases:

- Levantamento bibliográfico que apontam as características dessas crianças e a ação do professor para com elas;

- Listagem dos conteúdos para cada idade, divididas por nível de desenvolvimento até os dois anos, sendo: com 4 e 5 meses de idade; com 6 e 8 meses; com 9 a 11 meses; com 1 ano a 1 ano e 5 meses; e, por fim, com 1 ano e meio a 2 anos;
- Sugestões de atividades e materiais que poderão ser utilizados como recurso pedagógico para cada faixa etária, e exemplos de como seria a intervenção verbal do professor durante suas aulas.

Nossa análise e a apresentação dos resultados foram feitos por meio de tabelas e texto redigido. Lembrando que, segundo Gil (1996), a vantagem de se fazer uma pesquisa bibliográfica é o seu custo, que além da capacidade do pesquisador exige-se apenas disponibilidade de tempo, o que torna o custo baixo, e a outra vantagem é que as produções bibliográficas são ricas fontes de dados.

Como é uma proposta de sistematização de conteúdos, e que pode ser alterada de acordo com a realidade em que vive os alunos, a importância desse trabalho deve ser levada em conta, pois, nesse caso, podem favorecer aos docentes no sentido de repensarem as suas ações, as construções dos seus planos de aulas, quanto aos conteúdos a serem ensinados e os objetivos a serem alcançados, além de permitir que se perceba a importância dos conteúdos da Educação Física para essa faixa etária.

3.2 Sistematização dos Conteúdos Curriculares

Os conteúdos propostos para as aulas de Educação Física destinadas ao berçário estão subdivididos dentro de quatro grandes temas, sendo: Capacidades físicas e motoras; Habilidades motoras; Expressão corporal e rítmica; e Consciência corporal.

É importante que o docente ao planejar sua aula defina o tema da mesma, se perguntando o que ensinar desse tema, para definir o subtema, e, o que ensinar desse subtema, para chegar ao assunto. Com isso ele não se perderá nos seus planejamentos e construirá objetivos possíveis de serem alcançados em suas

aulas. Lembrando que deverá levar em conta o nível de aprendizagem dos seus alunos. Sendo assim, segue abaixo os conteúdos da Educação Física organizados por idade de 2 meses a 2 anos, a qual caracteriza o berçário.

De acordo com Gallahue & Ozmun (2003), do nascimento até um ano de idade a criança passa pelo estágio de inibição dos reflexos, dando a vez para os movimentos conscientes, voluntários, ainda não refinados e sem controle. Lembrando que estes reflexos não são perdidos, sendo o meio para os mecanismos estabilizadores, locomotores e manipulativos.

Segundo os autores citados anteriormente, os primeiros movimentos voluntários são caracterizados como movimentos rudimentares, e esta fase vai até seus dois anos de idade. É quando a criança tem um crescente controle motor em razão da obtenção do controle sobre a musculatura, além de aprender a lidar com a força da gravidade e de se movimentar de maneira controlada pelo ambiente.

Com 4 e 5 meses, as crianças já alcançam e pegam objetos pequenos, ajuda com o corpo ao serem levantadas pelos braços, segura e transfere objetos de uma mão para a outra, vira a cabeça na direção de uma voz ou objeto sonoro, e etc. (NEUMANN, 2007).

Quadro 1: Organização dos conteúdos de Educação Física para bebês de 4 e 5 meses

CONTEÚDOS		EXEMPLOS
Capacidades físicas e motoras	Lateralidade corporal	Direita/esquerda; em cima/embaixo.
	Coordenação motora	Morder; lambear; sacudir; virar; rolar; vocalizar.
	Organização espacial	Pegar objeto que está próximo.
	Organização temporal	Olhar quando alguém chama.
Habilidades motoras	Habilidades motoras não-locomotoras	Sentar com apoio. Identificar sons.

Expressão corporal e rítmica	Brincadeira cantada	O sapo não lava o pé; serra, serra, serrador.
Consciência corporal	Percepção corporal	Os cinco sentidos.

Fonte: a própria pesquisadora

De 6 a 8 meses, sentam sem apoio, ficam em pé com a ajuda de alguém, arrasta-se e/ou engatinha, responde diferentemente às pessoas da família e a estranhos, rasga, amassa, bate um objeto no outro, percebe a existência de outra pessoa mesmo esta não estando no seu campo visual, etc. (NEUMANN, 2007).

Quadro 2: Organização dos conteúdos de Educação Física para bebês de 6 a 8 meses

CONTEÚDOS		EXEMPLOS
Capacidades físicas e motoras	Coordenação motora	Ficar em pé com a ajuda de alguém.
	Organização temporal	Rápido/devagar.
Habilidades motoras	Habilidades motoras locomotoras	Rolar; arrastar; engatinhar.
	Habilidades motoras não locomotoras	Sentar sem apoio.
	Habilidades motoras manipulativas	Pegar com o dedo indicador e polegar; amassar; rasgar; jogar; bater um objeto no outro.
Expressão corporal e rítmica	Brincadeiras cantadas	Músicas com repertórios diversificados.
Consciência corporal	Percepção corporal	Perceber a existência de pessoas e coisas que não estejam em sua frente.

Fonte: a própria pesquisadora

De 9 a 11 meses, anda com apoio, faz gestos de tchau com a mão, de não com a cabeça, bate palmas, fala pelo menos uma palavra com sentido, descobre para que servem os objetos e suas características, entendem cada vez mais o que as pessoas dizem a elas, tentam imitar o que ouve, demonstram sentimentos, são egocêntricas, etc. (NEUMANN, 2007).

Quadro 3: Organização dos conteúdos de Educação Física para bebês de 9 a 11 meses

CONTEÚDOS		EXEMPLOS
Capacidades físicas e motoras	Coordenação motora	Levantar e se movimentar
	Velocidade	Movimentos rápidos e devagar.
Habilidades motoras	Habilidades motoras locomotoras	Andar com ajuda de alguém.
	Habilidades motoras não-locomotoras	Levantar sozinho; bater palma.
Expressão corporal e rítmica	Imitação	Imitação de objetos.
Consciência corporal	Percepção corporal	Identificar um objeto e sua função em relação a uma ação corporal (qual parte do corpo está utilizando).

Fonte: a própria pesquisadora

De 1 ano a 1 ano e 5 meses já andam sozinhas, cai poucas vezes, combina pelo menos duas palavras, tira qualquer roupa sua, corre, sobe degraus baixos, se interessa por desenhos de revistas e livros, entende algumas ordens do tipo: “pega o seu sapato”, aprende a usar melhor as mãos, noções de tamanho, etc. (NEUMANN, 2007).

Quadro 4: Organização dos conteúdos de Educação Física para crianças de 1 ano a 1 ano e 5 meses

CONTEÚDOS		EXEMPLOS
Capacidades físicas e motoras	Organização espacial	Embaixo/em cima; perto/longe; pequeno/grande.
Habilidades motoras	Habilidades motoras locomotoras	Andar sem ajuda.
	Habilidades motoras locomotoras	Subir degraus baixos.
Expressão corporal e rítmica	Brincadeiras cantadas	Imitação de animais.
Consciência corporal	Percepção corporal	Mão e cabeça.

Fonte: a própria pesquisadora

Com um ano e meio a 2 anos brinca sozinha mesmo na companhia de outras crianças, e também com elas, fala seu nome e aprende palavras novas com facilidade, fica sobre apenas um dos pés por algum tempo, nomeia as partes do seu corpo, fala pequenas frases, faz com as coisas o que vê as pessoas fazendo, se interessa por saber como são seus órgãos genitais, corre, gosta de subir em tudo, sobe as escadas engatinhando e desce sentada, entre outras características. (NEUMANN, 2007).

Quadro 5: Organização dos conteúdos de Educação Física para as crianças de 1 ano e meio a 2 anos

CONTEÚDOS		EXEMPLOS
Capacidades físicas e motoras	Coordenação motora	Rabiscar; empilhar; derrubar; montar e desmontar coisas.
	Organização espacial	Utilizar meios para alcançar

		um objeto.
Habilidades motoras	Habilidades motoras locomotoras	Pequena corrida; subir em objetos; puxar/empurrar (engatinhando e andando).
	Habilidades motoras não-locomotoras	Empurrar; puxar.
Expressão corporal e rítmica	Imitação	Imitar sons do dia a dia.
	Brincadeira cantada	Musicas que tenha na letra sons de animais e profissões.
Consciência corporal	Divisão do corpo humano	Nomear as partes do corpo.

Fonte: a própria pesquisadora

Lembrando que as características apresentadas a cada faixa etária acima, podem variar de criança para criança, uma vez que vários fatores influenciam no seu desenvolvimento, podendo ser sua maturidade biológica, o ambiente em que vive, dentre outros.

3.3 Intervenção Pedagógica do Professor de Educação Física na prática do dia a dia

Intervir pedagogicamente na Educação de qualquer nível de ensino, aqui se tratando em especial da Educação Infantil de 0 a 2 anos, exige comprometimento, esforço e muito estudo. Não é muito simples como muitas pessoas imaginam que sejam, não é somente cuidar da criança, é preciso entender que ela é capaz de aprender sempre, independente do seu nível cognitivo, e à escola ou creche cabe portanto a função de cuidar e educar.

Para que o ambiente escolar seja propício ao desenvolvimento integral dos alunos, dentre outros fatores, é necessário que haja uma relação de afetividade entre nós professores e eles, isso porque, a criança ao se sentir segura e

protegida consegue aprender com mais facilidade, já que desperta a sua curiosidade.

Essa relação de afetividade é construída mais rapidamente se tivermos o incentivo dos pais, já que a princípio são as pessoas mais próximas e em quem as crianças confiam. Por isso é importante que os pais “apresentem” os professores aos filhos, que no primeiro momento fique alguns minutos no ambiente escolar até que eles se familiarize com o lugar e as pessoas ao seu redor, e sempre que possível, mesmo que a criança ainda não se expresse verbalmente, remeta às atividades realizadas na escola, aos professores e aos amiguinhos. Tudo isso favorece o seu desenvolvimento integral.

Portanto a afetividade exerce um papel fundamental nas correlações psicossomáticas básicas, além de influenciar decisivamente a percepção, a memória, o pensamento, a vontade e as ações, e ser, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana. (KRUEGER, ANO, p. 4).

O professor ao ter uma proximidade afetiva, tem mais facilidade para perceber a necessidade de cada aluno, e com isso elaborar diferentes recursos para ensinar um mesmo conteúdo, partindo daquilo que a criança gosta e já conhece. Sendo assim as aulas tornam-se mais produtivas, os interesses dos alunos ficam mais evidentes e o resultado gratificante. Lembrando que as crianças ao se sentirem seguras desenvolve outro fator de extrema importância para se viver em sociedade, ou seja, consegue se relacionar com as outras pessoas mais facilmente.

O fato de ainda não falarem, não quer dizer que não são capazes de solucionar problemas propostos a eles, ou não são capazes de se comunicar com os outros. Pode não estar presente a linguagem verbal, mas há outras formas de expressão e comunicação. Sendo assim, destacamos que a problematização na educação infantil também é importante e necessária, claro que de acordo com o nível de desenvolvimento dos alunos, ou seja, não podemos propor, por exemplo, a uma criança de 5 meses, que suba em um banco e fique apoiado em apenas um dos seus pés, pois a sua maturação biológica ainda não é suficiente pra que ela de conta de realizar essa tarefa, assim como também não podemos propor a essa

mesma criança, que expresse verbalmente como faria para pegar um objeto que está a certa distância dela.

Outro fator que deve ser levado em conta nas aulas da Educação Infantil, aqui se tratando das aulas de Educação Física, que geralmente acontecem em espaços maiores, é quanto ao planejamento por parte dos docentes, desde os objetivos, as atividades que poderão ser realizadas para alcançar esses, os materiais que serão utilizados, até a questão da segurança para com as crianças.

Ao professor cabe planejar primeiramente seus objetivos anuais, e durante o ano letivo, planejar cada aula específica. Para isso deve conhecer seus alunos, estabelecer o que quer ensinar, elaborar atividades que venham auxiliar nos seus objetivos, providenciar os materiais necessários, e durante todo o processo de ensino-aprendizagem avaliar tanto os alunos, se estão compreendendo o conteúdo, quanto os seus métodos de ensino, se estão adequados.

Portanto, vale a pena destacar que a avaliação deverá ocorrer durante toda a aula, servindo para que o professor identifique como o aluno está abstraído o conteúdo proposto e se ele está avançando e melhorando em seus conceitos, além de possibilitar que o professor reorganize e continue o seu trabalho. (PALMA et al, 2010).

No caso das aulas voltadas para o berçário, a avaliação poderá ser feita por meio da observação direta do fazer do aluno, sendo que o professor construirá instrumentos individuais de registro, onde anotar os sucessos qualitativos, os bloqueios e as dificuldades desses. Ao ter os resultados, o docente poderá rever suas estratégias e se preciso elaborar outras para ajudar a criança a superar as suas dificuldades.

Por isso a importância de termos profissionais qualificados na escola, que tenham claro os objetivos de suas aulas, que conheçam as principais características de cada nível de desenvolvimento do ser humano e que consiga enxergar, a partir de um gesto simples da criança, uma evolução na sua aprendizagem.

3.4 Exemplos de Atividades

Neste tópico optamos em exemplificar possíveis atividades que podem ser utilizadas no ensino dos diferentes conteúdos destinados às faixas etárias citadas acima. Para isso, apontamos sugestões de atividades e materiais que poderão ser utilizados, além de como seria a intervenção do docente durante sua aula. Lembrando que é essencial a criatividade e o estudo continuado do professor para que de conta de planejar aulas onde ocorra o processo de ensino-aprendizagem.

3.4.1 Faixa Etária de 4 e 5 meses

Tema: Consciência corporal

Subtema: Percepção corporal

Assunto: Os cinco sentidos

Objetivo: Experimentar as sensações percebidas pelos cinco sentidos

Sugestão de atividade: Percepção tátil: massagem com rolo de espuma, toque nas lixas, pegar na lã e no algodão, macarrão, gelatina, etc. Percepção olfativa: saquinho de cheiro-talco, sabonete, frutas, hortaliças, etc. Percepção auditiva: potes com objetos, instrumentos de sopro, tamborzinho, amassar papel ou plástico, etc. Percepção visual: história com bonecos, visualização no espelho, folhas xadrez e listradas, histórias contadas com fantoches de animais, etc.

Intervenção verbal do professor: o professor deve verbalizar a ação do “sentido” que está sendo dado enfoque, por exemplo: “sente”, “cheira”, “escuta”, “olha”; permitir o aluno experimentar o material e aos poucos verbalizar para ele as características deste. Como por exemplo: “**Sente** a espuma como é macia”, “**cheira** o sabonete como é cheiroso”, “escuta o barulho do tamborzinho”, “olha você no espelho”, entre outras.

3.4.2 Faixa Etária de 6 e 8 meses

Tema: Habilidades motoras

Subtema: Habilidades motoras locomotoras

Assunto: Arrastar, engatinhar ou andar

Objetivo: Perceber o seu deslocamento ao arrastar, engatinhar ou andar

Sugestão de atividade: Colocar as crianças no chão com vários objetos espalhados. Chamar a atenção das crianças com um determinado brinquedo a uma certa distância das mesmas, de maneira que sintam estimuladas a irem buscá-lo, comemorando junto com elas ao conseguirem realizar isso.

Intervenção verbal do professor: Conversar com as crianças, chamá-las pelo nome, descrever os brinquedos que serão utilizados para chamar sua atenção, e principalmente, o movimento que está usando para se deslocar. Como por exemplo: “João vem engatinhando buscar esse carrinho, olha como ele é colorido e faz barulho ...”. Quando a criança conseguir chegar até o objeto: “Eeeee!!!! Parabéns João, você conseguiu engatinhar até aqui perto do carrinho, agora vamos dar uma volta com ele?”.

3.4.3 Faixa Etária de 9 e 11 meses

Tema: Expressão corporal e rítmica

Subtema: Imitação

Assunto: Imitação de objetos

Objetivo: Fazer imitação do que é proposto repetindo o jeito do professor

Sugestão de atividades: O professor chama a atenção dos alunos contando uma história, e durante esta realizará alguns movimentos e sons do que se está passando.

Intervenção verbal do professor: Ao professor cabe dar ênfase na história utilizando-se de sons diferentes, fantoches, livros, entre outras coisas. Isso para que os alunos não se dispersem e sintam motivados a realizar as atividades, por exemplo, se no meio da história tiver um avião, o professor poderá abrir os braços e fazer com a boca o som que caracteriza este, incentivando os discentes a imitá-lo.

3.4.4 Faixa Etária de 1 ano e 1 ano e 5 meses

Tema: Consciência corporal

Subtema: Percepção corporal

Assunto: mão e cabeça

Objetivo: Perceber a utilização da cabeça e das mãos ao realizar gestos do dia-a-dia

Sugestão de atividades: Levar um bolo de brinquedo entre outros objetos variados para a aula; cantar parabéns para elas batendo palmas no ritmo da música incentivando-as a também bater palmas; jogar uma bola para cima ou para os lados e comemorar com elas também batendo palmas; durante a brincadeira, fazer algumas perguntas simples e individualmente a elas para que respondam sim ou não com a cabeça.

Intervenção verbal do professor: O professor poderá frisar aos alunos os movimentos que estão realizando com as mãos e com a cabeça durante toda a sua aula, podendo ser a todos ao mesmo tempo, mas também, e talvez principalmente, em algum momento individualizado. Como por exemplo: “vamos cantar parabéns batendo palma para nós?!” , “então vamos lá! utilizando as mãos hem... 1, 2, 3 e já...”

Parabéns pra você...”; “vocês querem um pedaço de bolo?... então todo mundo fazendo sim com a cabeça!”. No caso de perguntas individuais às crianças, perguntar algo relacionado ao objeto que ela está brincando, ou a música que está ouvindo, entre outras.

3.4.5 Faixa Etária de 1 ano e meio e 1 ano e 11 meses

Tema: Habilidades motoras

Subtema: Habilidades motoras locomotoras

Assunto: Puxar e empurrar

Objetivo: Puxar e empurrar o objeto se locomovendo

Sugestão de atividades: O professor providenciará um carrinho de brinquedo para cada aluno e um para ele, e proporá um passeio de “carro” pelo pátio da escola, empurrando o mesmo. Depois de algum tempo, amarrará uma cordinha em cada carrinho, e proporá o mesmo passeio só que agora empurrando o carrinho.

Intervenção verbal do professor: Ao professor caberá descrever o trajeto percorrido, fazendo de conta que estão passando por um determinado lugar (uma ponte, sobre as pedras, etc), caracterizando também os objetos utilizados para prender assim a atenção de todos. É importante que o professor sempre frise a ação dos alunos durante a atividade, por exemplo, “vamos empurrar o nosso carro até o parquinho de diversões”, ou “vamos puxar o nosso carro até chegar naquela árvore” entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso objetivo com esse trabalho foi propor uma organização curricular da disciplina de Educação Física para crianças da Educação Infantil de 0 a 2 anos de idade, a qual segundo a LDB (1996), compõe a primeira etapa da Educação Básica.

Com a coleta dos dados propomos os conteúdos subdivididos dentro de quatro grandes temas, sendo: Capacidades físicas e motoras; Habilidades motoras; Expressão corporal e rítmica; e Consciência corporal. Lembrando que cada tema se divide em subtemas de onde originam os objetivos das aulas.

A partir do tema Capacidades físicas e motoras, apontamos os seguintes subtemas: Lateralidade corporal, coordenação motora, equilíbrio corporal, organização espacial, organização temporal, força corporal e velocidade. Das habilidades motoras, os seguintes: habilidades motoras locomotoras, habilidades motoras não-locomotoras e habilidades motoras manipulativas. Da expressão corporal e rítmica: imitação, mímica e brincadeiras cantadas. Por fim, da Consciência corporal: divisão do corpo humano, segmentos menores e percepção corporal.

Após estabelecermos os conteúdos a serem ensinados para cada faixa etária, apontamos algumas indicações de como seria a intervenção pedagógica do professor de Educação Física na sua prática do dia a dia, além de exemplificarmos atividades e materiais que poderão ser utilizados como recurso pedagógico. Chamando a atenção para a importância de profissionais preparados, atualizados, criativos e que buscam cada vez mais conhecimentos.

O que percebemos durante o trabalho foi a escassez de materiais escritos sobre o assunto, que apontassem características da perspectiva crítica tanto para a Educação Física quanto para o desenvolvimento motor. Tais aspectos dificultaram um pouco na elaboração deste já que o tempo era curto e a exigência de pesquisa grande.

Portanto pegamos as principais características das crianças em cada faixa etária e elencamos os conteúdos à partir dessas. Quanto a intervenção pedagógica partimos do que os autores definem como intervenção à partir de uma perspectiva crítica de educação, e ao exemplificarmos os planos de aulas, indicamos como seria a ação do professor durante essas aulas.

Com isso destacamos a importância da organização curricular e do

planejamento consciente das aulas, para não ficar na atividade pela atividade, além da importância, para se alcançar o processo de ensino-aprendizagem, de relacionar as atividades propostas com os conteúdos a serem aprendidos, mesmo que as crianças ainda não saibam se comunicar verbalmente. Não esquecendo é claro da avaliação, que é o meio fundamental para que o professor identifique se seus objetivos estão sendo alcançados ou não, e com isso altere, caso necessário, seus planos e intervenções, podendo realizá-la por meio de observações e/ou registros.

Sendo assim, com esse trabalho, evidenciamos que aulas estruturadas e baseadas na perspectiva crítica para crianças de 0 a 2 anos é possível, basta que os professores tenham uma formação continuada, que voltem seus estudos também para estes assuntos, e coloquem em prática o que sabem, se é isso mesmo que querem.

A partir disso, perspectivamos dar continuidade a esta pesquisa e em conjunto com uma docente do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Londrina, viabilizar a publicação de um livro sobre este assunto, além de ir a campo desenvolver esta pesquisa para verificar na prática a sua possibilidade.

Esperamos favorecer aos docentes e futuros docentes pensar na sua prática pedagógica e analisar se precisam mudar ou não algo para alcançar o seu objetivo que é ensinar e educar.

REFERÊNCIAS

- CESÁRIO, M. **Currículo: da instrumentalidade à práxis**. Londrina: UEL, 2010. (Comunicação oral).
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **MiniAurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro**: teoria e prática da Educação Física. 2 ed. São Paulo: Editora Scipione, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALLAHUE, D; OZMUN, J. C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte Editora, 2003.
- GALLAHUE, D. L. (2002). Desenvolvimento motor e aquisição da competência motora na Educação de Infância. In B. Spodek (Ed.), **Manual de Investigação em Educação de Infância** (p. 49-83). Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.
- GARCIA, R.L. **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MORAES, J; SCARMELOTTO, N; SILVA, S. A identidade do pedagogo na educação infantil. **Revista Pandora Brasil**, São Paulo, n. 19, 2010.
- NEUMANN, Z. A. **Pastoral da Criança**: Guia do líder da Pastoral da Criança. Curitiba: revista ampliada, 2007.
- PACHECO, J. A. **Escritos Curriculares**. São Paulo: Cortez, 2005.
- PALMA, A. P. T. V. et al. **A Educação Física na Educação Infantil e no Ensino Fundamental**: O processo de construção das condutas motoras. XVI Encontro Nacional de Professores do Proepre, 1999.
- PALMA, A. P. T. V. et al. **Educação Física e a Organização Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Londrina: EDUEL, 2008.
- PARANÁ, Diretrizes Curriculares do Paraná. In. MEC, 2008. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/diretrizes_2009/ed_fisica.pdf. Acessado em: 09/12/09.
- SANTOS, G. F. de L. **Motricidade humana e os bebês**. Londrina, 2010. 4 f. (Texto digitado)
- SILVA, T. T da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- ULASOWICZ, C; PEIXOTO, J. R. P. Conhecimentos Conceituais e Procedimentais na Educação Física Escolar: a importância atribuída pelo aluno. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, n.3, 2004.
- ZAIA, L. L. O Processo de Desenvolvimento. [S.l.: s.n., 19--].